

A ética nas famílias contemporâneas: reflexões sobre a alteridade radical a partir do filme *Boyhood*

Ethics in contemporary families: reflections on radical alterity based on the film Boyhood

CAIO MONTEIRO SILVA ^a

Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Fortaleza – CE, Brasil

JOSÉ CÉLIO FREIRE ^b

Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia. Fortaleza – CE, Brasil

MARCIO ACSELRAD ^c

Universidade de Fortaleza, Graduação em Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Fortaleza – CE, Brasil

Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Fortaleza – CE, Brasil

RESUMO

O artigo investiga a ética nas famílias contemporâneas a partir das contribuições do pensamento de Emmanuel Lévinas, utilizando como suporte a análise do filme *Boyhood – da infância à juventude*, de 2014. Apresenta como problema de partida as mudanças experimentadas nas sociedades contemporâneas, principalmente no que diz respeito às relações de confiança, com alterações nas experiências de tempo e espaço, e na perspectiva de administração da vida. O filme *Boyhood* permite visualizar momentos de reprodução dos esquemas sociais mais abrangentes reiterados pela família, bem como os momentos de impugnação destes mesmos esquemas, apresentando um sentido ético tal como preconizado por Lévinas.

Palavras-chave: Ética, família, contemporaneidade, análise fílmica, *Boyhood*

ABSTRACT

This article investigates ethics in contemporary families based on the ideas of Emmanuel Lévinas and on the analysis of the film *Boyhood* (2014). It presents the changes experienced in contemporary societies as a problem, especially regarding trustfulness, with changes in the experiences of time and space and in the perspective of life administration. The film *Boyhood* allows visualizing moments of reproduction of social schemes usually accepted by the families, as well as moments of challenge of these schemes, showing an ethical sense as advocated by Lévinas.

Keywords: Ethics, family, contemporaneity, film analysis, *Boyhood*

^a Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6079-4939>. E-mail: caio_monteiro_silva@yahoo.com.br

^b Professor titular da Universidade Federal do Ceará (UFC), Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4651-7614>. E-mail: jcelfreire@gmail.com

^c Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (Unifor) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC. Professor titular da Universidade de Fortaleza. Orcid: <https://orcid.org/0002-4926-2277>. E-mail: maccselrad@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i1p255-278>

INTRODUÇÃO

ESTE ARTIGO ANUNCIA nossa intenção de refletir acerca da alteridade nas famílias contemporâneas, levando em conta as contribuições do filósofo franco-lituano Emmanuel Lévinas. Nessa perspectiva, pensar o Outro em família é já pensar também o seu sentido ético. Assim, partimos do entendimento de que a sociedade contemporânea e sua forma de organização assumem características específicas em relação a outros períodos históricos, propiciando experiências distintas e singulares que possibilitam pensar a(s) formas(s) como se apresentam essas transformações.

A relação entre família e sociedade não deve soar como novidade, posto que ao longo da história é possível notar o papel articulador de ambas na construção de uma realidade que se apresenta ao mesmo tempo objetiva e subjetiva. Essa construção deve ser tomada em seu aspecto dialético e dinâmico, composto de momentos de exteriorização, objetivação e interiorização, nos quais as relações cotidianas e rotineiras confirmam, reafirmam e revalidam continuamente os contornos da realidade social (Berger & Luckman, 1998).

Destacamos que não nos situamos em qualquer tradição essencialista de família, mas a tomamos em seu aspecto de trânsito, que guarda relações com as transformações sociais mais amplas. Também nos resguardamos de qualquer concepção estratigráfica que proponha um encadeamento progressivo nas relações entre fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Geertz (1989) tece uma crítica a esse modelo de compreensão, o qual toma o homem como um ser composto de níveis em superposição, como se fosse possível, através de uma escavação, encontrar os elementos fossilizados dos demais níveis em uma espécie de depósito evolutivo que levaria ao encontro de universais em um *consensus gentium*, um consenso para toda a humanidade.

Não se trata aqui, portanto, de tentar identificar pontos invariantes de referência na família que sirvam de ancoragem para uma reflexão sobre as relações com seus membros e o lugar da alteridade nelas. Como Geertz (1989), não partilhamos da tese de que existam universais da cultura que se fundamentam em necessidades subjacentes. O fato de uma sociedade precisar de membros para existir não garante necessariamente um vínculo direto entre o ato da reprodução e algum tipo de desenvolvimento institucional como a família.

Diante do exposto, apresentamos alguns pontos de transformação no cenário contemporâneo para, a partir dessa configuração, pensarmos sobre as questões referentes à alteridade. Destacamos principalmente os processos de industrialização, urbanização e desenvolvimento tecnológico (Giddens, 1991) que, em seu desenvolvimento e continuidade, possibilitaram uma modernização reflexiva (Giddens, 2012). Muitos outros poderiam ser citados, como as mudanças de

atividades primárias (agricultura) para secundárias (industriais) e terciárias (serviços), além da mobilidade social e da transformação do status e do papel da mulher na sociedade, ou mesmo do nível de escolarização (Beltrão, 1970).

Como é discutido por Fridman (2000), a contemporaneidade, ou a experiência contemporânea, difere da tradicional ou da moderna justamente ao interpelar noções, hábitos e instituições antes tomadas como imóveis. É assim, por exemplo, com as noções de tempo e espaço, bem como com as de relacionamento, afeto e família (Giddens, 1993). O principal objetivo deste trabalho é, portanto, compreender qual o lugar ocupado pela alteridade nas famílias, tendo em vista a nova ordem social vigente.

De forma a alcançar nossos objetivos, propusemos uma metodologia que se utilizou de um filme como espaço empírico e terreno de investigação privilegiado. Deste modo, existe da parte dos pesquisadores um investimento em analisar as representações estéticas, nomeadamente as cinematográficas, como matéria de compreensão das relações estabelecidas entre os princípios éticos e as configurações familiares que nelas figuram.

Tomar películas como terreno de investigação poderia implicar, em um primeiro momento, uma ideia errônea de manutenção da apartação entre arte e mundo social, que passa ao largo das pretensões deste trabalho. Aqui, o cinema é tomado como produto de um contexto e tributário de um referente. Essa contextualidade e referencialidade, portanto, levam uma obra de arte a se relacionar diretamente com o fluxo da vida social, constituindo-se como um documento de cultura também possível de analisar. Na esteira do pensamento de Clifford Geertz (1989), pretendemos tomar o filme como um texto cujos referentes principais são as configurações familiares.

Em termos metodológicos, o cinema é tomado aqui como fenômeno cultural passível de interpretação, uma vez que é revelador de traços culturais, normas de conduta, modalidades de explicação e significação da vida cotidiana. E em sua representação sobre a família – situando-se em diferentes contextos culturais e temporalidades –, a obra estudada emerge como espaço empírico, terreno de investigação a visitar no intuito de refletir sobre os contornos da experiência familiar na contemporaneidade.

LÉVINAS E A ÉTICA DA ALTERIDADE RADICAL

Antes de iniciarmos a discussão filosófica pertinente a este estudo, gostaríamos de destacar que não é nossa intenção tomar o *Ser* como um campo conceitual dado, ou como se houvesse uma substância per si e a priori que o designasse. Justamente por isso este trabalho apresenta – tanto em sua introdução,

como também na análise *encarnada* do filme – o lugar em que esta forma, esta ideia de Ser está sempre vinculada a uma contextualidade e referencialidade. Nossa posição sobre o Ser, portanto, partilha das compreensões de Lévinas, que o toma como um esquema de funcionamento, como um movimento presente prioritariamente na tradição filosófica ocidental.

Emmanuel Lévinas foi um filósofo que se propôs a revisitar a história da filosofia e de suas categorias, tensionando-as diante de suas reflexões sobre o Outro. Como apresentado na obra *Entre nós* (2009), ele toma como mola para suas reflexões o princípio da alteridade. O confronto entre toda uma tradição filosófica ocidental configurada a partir da ideia de Ser tornou-se diretamente, ou indiretamente, seu sentido filosófico. Desta forma, em suas obras está sempre presente a marca do Outro perante as nuances do Ser. Esta interação entre Ser e Outro-que-Ser se manifesta em suas discussões mais centrais, como na ideia de Totalidade e Infinito – que se tornou, inclusive, título de uma de suas principais obras (Id., 1980) – ou nas noções de Dito e Dizer; Mesmo (Eu) e Outro; Imanência e Transcendência; Objetividade e Subjetividade; Sincronia e Diacronia; Interesse e Responsabilidade. Lévinas (2009) pretendia rediscutir a ontologia perante a ética, a qual assumiria uma condição de filosofia primeira, promovendo uma severa análise das relações humanas e institucionais, sempre com o primeiro termo dessas relações apontando para o sentido do Ser e o segundo, ao sentido ético.

Na discussão sobre essas temáticas, Lévinas esforça-se em enunciar sua filosofia, a qual, como pode ser observado em *Entre Nós* (2009), propõe-se a ser diametralmente oposta ao solipsismo. Para ele, a tarefa da filosofia é dizer o indizível, ou, como defende em *Ética e infinito* (1982), trazer para as categorias do dito as marcas do dizer, as quais imprimem vestígios no discurso daquilo que rompe com as próprias categorias discursivas. Essa discussão se torna potente por apresentar um ponto de inflexão na filosofia ocidental tradicional baseada no Ser. Dessa forma, novos elementos presentes na filosofia levinasiana são trazidos como ferramentas com as quais podemos pensar tanto a lógica de tensionamento entre o Ser e Outro-que-Ser, ou entre o Eu e o Outro, como em analogia ao próprio movimento feito por Lévinas de tentar pensar as possibilidades de trazer para o Ser as marcas do Outro e as condições da interseção de elementos de transcendência junto do imperativo do Ser.

Para Lévinas (1982), na história da filosofia ocidental o significativo¹ residiu sempre no saber e, como relata em *De outro modo que ser* (2011), na ciência que esclarece a possibilidade de acessar a realidade construída por ela mesma. Isso permitiu o desenvolvimento de uma cultura na qual saber e ser fossem correlatos e adequados um ao outro.

¹ Em *Transcendência e inteligibilidade* (1991), Lévinas aponta que o significativo seria uma espécie de ancoragem ou elemento de fixação que, na história da filosofia, foi tomado como pertencente e articulado exclusivamente ao saber.

Dito isso, coloca-se uma questão importante: que problema pode haver em uma cultura que se desenvolve sob os fundamentos do Ser? Para Lévinas (1980), um pensamento organizado sobre a noção do Ser apresenta a possibilidade permanente da guerra. A guerra seria, então, uma consequência da forma como o Ser se manifesta. Segundo Lévinas (2011), a manifestação do Ser está intimamente ligada à ação de um interesse que se mostra como persistência permanente na manutenção de sua condição de Ser. O movimento do Ser enquanto interessamento é como um *conatus*, o qual se expande em direção ao que lhe nega, ao que lhe opõe. Esse movimento visa à transformação e à subordinação daquilo capaz de negá-lo e lhe opor. O Ser em seu interessamento faz do que antes lhe antagonizava parte integrante, agindo em sua função (Lévinas, 2011). Entretanto, outra questão pode ser colocada: não seria a razão a possibilidade de uma articulação pacífica entre os seres?

A paz encontrada a partir da razão operada pelo interesse, ou seja, para a manutenção do Ser, é na verdade uma pacificação ocorrida por ações de guerra, nas quais a racionalidade se sobrepôs às manifestações da diferença conflitiva, promovendo o retorno da multiplicidade à unidade do Uno – regulado pela inteligibilidade – sendo posta em exercício em função do Ser. A guerra suspende a moral e a razão, torna-se a arte de prever e de ganhar por todos os meios. Os indivíduos são reduzidos às formas que os governam sem que eles saibam (Lévinas, 1980).

A face do Ser que se mostra nesse contexto de guerra é a totalidade (Ibid.). A totalidade se apresenta como uma tentativa universal de síntese cuja proposta é abranger tudo que estiver fora dela, opondo-se à noção de infinito. *Totalidade e infinito* coloca o problema da relação intersubjetiva (Id., 1982). A relação entre totalidade e infinito é, então, a própria expressão da guerra promovida pelo Ser para manter-se sendo. Desta forma, dirige-se ao Outro, que lhe escapa com atitudes de captura ou aniquilação, bem como demarca, pela presença do Outro, a possibilidade de ruptura com a totalidade.

Se *Totalidade e infinito* coloca a questão da relação intersubjetiva, pode-se dizer que apresenta, no pensamento levinasiano, a relação entre o Eu (Mesmo) e o Outro. Lévinas (1980) tece uma série de reflexões no que tange a essa relação, assumindo que o posicionamento do Eu pode se dirigir para a suspensão da alteridade, agindo sobre o Outro a partir de uma relação de poder e posse. A posição de ser um Eu, para além de todas as possibilidades de diferenciação entre os Eus, está na expressão de um conteúdo identitário. O Eu não precisa ser necessariamente sempre o mesmo, mas apresentar uma dinâmica que consiste em reencontrar sua identidade diante de tudo o que lhe possa acontecer. O Eu apresenta uma identidade mesmo em suas modificações, pois representa e pensa toda a heterogeneidade como referência a si mesmo (Lévinas, 1980).

Essa articulação entre Eu (Mesmo) e o Outro, para Lévinas (1980), se faz pela via da linguagem. Na obra *De outro modo que ser* (2011), Lévinas apresenta duas vias em que se manifesta a linguagem – o dito e o dizer – e, a partir destas formas, dá-se a relação intersubjetiva. A dinâmica entre essas formas de apresentação da linguagem, segundo sua análise, vem apontar uma supremacia da subordinação do dizer ao dito. O dito seria a falência da transcendência em que a exterioridade da dinâmica em fluxo de um dizer é aprisionada pela tematização.

Isso implica que a passagem da exterioridade pelo logos produz um termo de tradução. A experiência com aquilo que é exterior ao Eu é significado em um tema; esse tema é a marca da passagem de um dizer. A expansão do Eu denuncia a captura daquilo que já lhe foi exterior e hoje existe em função do Eu. Os novos temas e tematizações são a comprovação da passagem da transcendência, mas que, já tornada tema, aparece traída, pois o fluxo dinâmico do dizer manifesta-se na formalização do dito; o dizer em sua continuidade foi limitado e aparece transmutado em dito.

O que Lévinas parece tentar pôr em evidência é que as nossas relações sociais se organizam pela linguagem e, sobretudo, que o exercício dessa linguagem pode também ser operado por uma lógica de interessamento. A linguagem, no movimento do interessamento, age no contato com aquilo que é exterior ao Eu e atua na lógica da transformação dessa diferença ou dessa distância que se põe entre o Eu e o Outro. Essa transformação é a destituição da diferença que caracteriza fundamentalmente o Outro, é a subtração da distância entre Eu e Outro, fazendo-os coincidentes; é a privação do sentido de fluxo da linguagem (traição) e sua fixação em um tema que promove a agregação daquilo que diferia Eu e Outro através de uma referência que se fez possível por um sistema lógico de crivos específicos.

Essa forma de fixação do que antes era fluxo, essa traição do dizer pelo dito, ou melhor, essa ação imperativa do Eu para se manter Eu sobre o Outro, agencia uma experiência do tempo. O tempo, como entendido por Lévinas em *Ética e infinito* (1982), não é o acontecimento experimentado por um sujeito isolado, mas a própria maneira de relacionar-se com outrem. Dito isso, o tempo, dimensão também da relação intersubjetiva, não mantém a liberdade de seu encadeamento em passado e futuro. A distância do passado e do futuro é convertida em um retorno ao presente.

Segundo Lévinas (2011), o Eu, em seu interesse, apresenta-se como sincronia ou tentativa de sincronização dos acontecimentos. O tempo se apresenta, então, como recuperação de todas as distâncias, seja pela retenção presente em memória ou história, articulando as relações no presente, seja por propensão, em que, como mostrado na obra *Entre nós* (2009), o futuro é capturado pelo presente pela expansão

desse presente em direção ao futuro através da antecipação das possibilidades de vivência futura a partir das vivências atuais. Nesse sentido, dizemos que os sistemas de inteligibilidade que criamos hoje expandem seu raio de atuação ao futuro e, ao prever o que pode acontecer no futuro a partir da extensão do presente, agem sobre o próprio presente – incluímos aqui, na articulação deste presente atual em que vivemos a imaginação, as projeções e previsões.

A ética, nessa perspectiva, seria a filosofia primeira por colocar a anterioridade do questionamento do Ser. A ética se exerce com crítica e, assim, aponta o seu sentido e destino dirigido a serviço de outrem, pois, como crítica, apresenta sua positividade e sua substancialidade no destronamento do dogmatismo do saber espontâneo ontológico. A ética como crítica solapa a espontaneidade de uma tradição ocidental solipsista.

A forma de manifestação, então, dessa contradição, é a de um Outro-que-Ser que se apresenta como uma modalidade de Ser, de um dito que preserva os sentidos de um Dizer, de um pensamento vindo não da captura e sim da crítica, de uma negação afirmativa que seria a responsabilidade. Para Lévinas (2011), a responsabilidade seria a forma pela qual se positivaria uma negação do próprio positivo instituído na lógica do Ser. A responsabilidade é a possibilidade de um Outro-que-Ser que já não é o Ser, embora se apresente como exceção através dele, e também não é o Não-Ser ou a negatividade. “O de outro-modo-que-ser enuncia-se num dizer o qual deve também desdizer-se para assim arrancar o de outro-modo-que-ser ao dito no qual o de outro-modo-que-ser começa a não significar senão um ser de outro modo” (Ibid.: 29).

A estrutura social, conforme nos diz Lévinas (1982), não pode ter seu fundamento no conhecimento, e sim na responsabilidade. O conhecimento, como vimos, reúne a multiplicidade na unidade, destituindo-a de sua diferença absoluta e transformando-a no Mesmo. A responsabilidade seria a forma pela qual o Outro-que-Ser, aparecendo como uma forma de Ser, destitui-se de si mesmo para acolher o Outro em sua alteridade. A responsabilidade encarna a possibilidade de distinção entre o para Ser e Não-Ser, ela se relaciona com o Outro, portanto, sem tomá-lo para si; sem transformá-lo, interage com o Outro a partir de sua diferença absoluta.

A responsabilidade, para Lévinas (2011), é o reconhecimento do Outro naquilo que o faz singular. Diríamos nós que seria a maneira pela qual a distância entre Eu e o Outro se mantém e pela qual uma relação entre ambos é possível por meio de um tipo de proximidade. No paradoxo que permite o Outro do Ser, a eliminação dessa distância é a subtração das características do Outro que o tornam absolutamente Outro e, portanto, desmanchariam esta relação e sua proximidade, pois já não se pode falar em distância na coincidência. Aquilo que

coincide o faz por se manter sob os signos da presença, um tipo de convergência entre tempo e espaço na qual as referências são autocentradas.

UM CIRCUITO DE SOCIABILIDADES ÍNTIMAS: *BOYHOOD* – DA INFÂNCIA À JUVENTUDE

Boyhood é uma produção norte-americana dirigida por Richard Linklater, e tem como peculiaridade o fato de ter sido um filme longitudinal, levando doze anos para ser completado. Esta obra cinematográfica não apresenta uma trama clara nem um objetivo específico. O desenvolvimento do filme acompanha as situações da vida de um menino comum, Mason Evans Júnior, desde sua infância até a chegada à faculdade.

No desenrolar do filme, podemos ver o acontecer das tramas sociais da família Evans ao longo de seu ciclo vital, da infância à juventude. Não há no filme marcas muito precisas ou momentos específicos que possam ser demarcados como ritos de passagem de uma fase da vida para outra. *Boyhood* segue um fluxo contínuo no tempo, no qual, ao longo de sua história, observamos os fatos da vida cotidiana, desde os mais simples, como Mason Júnior jogando videogame, até os mais complexos, marcados por conflitos individuais e familiares, promovendo novas organizações e direções no continuar da vida.

Boyhood apresenta uma narrativa sobre o tempo comum, aquele em que a vida acontece em sua maior parte e é compartilhada. É evidente que, em alguns momentos, o filme retrata marcos, como aniversários ou comemorações por feitos específicos (por exemplo, a formatura de Mason Júnior no ensino médio). Entretanto, não são os mais preponderantes. Os dias ordinários são mais marcantes e ocupam um espaço substancialmente maior na narrativa.

Devido à forma como o filme se organiza, existem muitos elementos, muitas direções e maneiras de abordá-lo. Elegeremos, portanto, como forma de ordená-lo e a fim de atingir nossos propósitos, o seguimento do filme e dos conflitos contidos na obra a partir das variações nas sociabilidades íntimas que ocorrem durante o desenrolar da trama. Essas variações representam as muitas formas de associação e socialização acontecidas durante o filme. Tomemo-las, então, como ponto de ancoragem para dar seguimento à nossa forma de ordenar essa história e como ponto de partida para nossas análises.

A narrativa se inicia centrada na relação familiar de Olívia, a mãe; Mason Júnior, o filho mais novo e personagem central; e Samantha, filha mais velha. Juntos, eles compõem a família Evans. Nesse momento, o filme se centra na relação entre os três, sendo Samantha e Mason Júnior ainda bem jovens. O pai, Mason, inicialmente está ausente das relações familiares, pois está no Alasca.

O distanciamento entre o pai e os demais membros da família Evans se deu devido a conflitos entre a forma de entender a vida e as responsabilidades que competem ao bom desenvolvimento de uma família. Foi justamente a diferença entre Olívia e Mason pai que os conduziu à separação.

A situação financeira faz Olívia repensar os rumos da vida de sua família, levando-os a Houston, onde terá o apoio de sua mãe, Catherine, avó de Samantha e Mason Júnior. Após algum tempo em Houston, Mason pai retorna do Alasca e tenta se fazer mais presente no cotidiano de seus filhos, os quais, até então, pareciam ser centralmente cuidados pela avó materna e pela mãe.

Mason pai parece ter ainda o desejo de voltar a viver com a mãe de seus filhos, Olívia, desejo aparentemente comungado pelos filhos, ainda que as lembranças de Samantha sejam mais fortes a respeito do desentendimento entre os pais do que dos bons momentos vividos juntos em família.

Em outro momento do filme temos uma nova etapa, que pode ser marcada por uma nova associação íntima. Esta relação se constitui no vínculo entre os personagens Olívia e Bill. Inicialmente, Olívia era aluna do curso de psicologia no qual Bill era professor. A partir desta aproximação, o espectador pode observar o surgimento de um interesse mútuo que os leva ao casamento; outra associação íntima se estabelece e passam a fazer parte do filme os filhos do segundo marido de Olívia, Randy e Mindy. A configuração desta associação íntima tem como referência a família de origem, os Evans, e passa a ser composta pela mãe, Olívia; o padrasto, Bill; os filhos, Samantha e Mason Júnior; e os enteados, Randy e Mindy.

Nessa nova associação íntima, outras tramas são possibilitadas e suscitadas, vindas das diferentes formas de organização construídas nas sociabilidades íntimas de origem, havendo novos processos de adaptação e vivência de novas experiências. Ela é marcada pela rigidez e imposição de normas. Há uma mudança no aspecto econômico desta organização familiar e a presença de um elemento marcante com o qual todo o novo sistema de sociabilidades íntimas tem de lidar. Esse elemento é o alcoolismo e a violência de Bill.

Após recorrentes atos de violência de Bill, Olívia separa-se dele. Tempos depois da separação, ela termina seus estudos e se torna professora de psicologia. Em meio a todas essas mudanças, Mason pai continua a tentar fazer-se presente na vida dos filhos, aparecendo periodicamente a cada final de semana.

Olívia casa-se novamente, agora com Jim, que foi estudante na faculdade em que ela deu aula. Nesse momento, inaugura-se um novo ciclo de relações entre Mason Júnior, Samantha, Jim e Olívia. O pai, Mason, também se casa e tem um bebê, complexificando ainda mais as sociabilidades íntimas de Mason Júnior e Samantha, que, pelo lado do pai, têm ainda uma madrasta e um novo irmão.

Mason Júnior e Jim, o terceiro marido de sua mãe, têm alguns atritos e, com o tempo, Olívia separa-se novamente, ficando então, até o fim da narrativa, divorciada. Em meio a essas transformações nas sociabilidades íntimas vemos as relações de Mason Júnior com as novas cidades onde mora, com os amigos, as diferentes escolas e namoradas. Essas são experiências de sua vida particular, mas também são decorrentes do seguimento de seu ciclo familiar.

Sobre *Boyhood* e as sociabilidades íntimas: entre a vizinhança do mesmo e a hospitalidade ao Outro – do interesse à responsabilidade

No primeiro momento, a sociabilidade íntima dos Evans apresenta-se como uma família monoparental feminina, pois a condução da família é feita apenas por um dos cônjuges, que é do gênero feminino, enquanto o outro está completamente ausente das relações intrafamiliares e das tomadas de decisão. Em princípio, embora o pai Mason seja membro do grupo familiar Evans, sua distância e falta de comunicação não trazem uma intervenção direta sobre o grupo familiar.

Nesse momento da configuração familiar, algumas cenas nos são caras. A primeira diz respeito a quando, no início do filme, Olívia está no carro com Mason Júnior, após ter ido buscá-lo na escola, e conversa com ele sobre uma reunião que teve com sua professora. Segundo a professora, Mason Júnior se comporta diferente dos demais alunos e não entrega as tarefas, tendo como comportamento recorrente passar as aulas olhando pela janela.

Na mesma cena, Olívia diz saber que Mason Júnior fez os deveres, mas ele apenas não os entrega; não há qualquer menção a uma possível dificuldade de aprendizagem. Aparentemente Mason Júnior apenas não se interessa pelas atividades corriqueiras do colégio. No entanto, parece haver uma preocupação da escola com seu comportamento diferente, tendo como consequência a convocação de Olívia para responder a essa demanda. Mason Júnior parece se interessar muito mais pela dinâmica da vida, como ele mesmo fala, sobre o nascimento das moscas, do que pelas atividades curriculares formais.

Percebemos então que, por meio da solicitação feita para o comparecimento de Olívia na escola e de sua ação diante de Mason Júnior, formaliza-se uma parceria no intuito de que o grupo familiar atue na recondução de condutas que podem ser consideradas desviantes do esperado no bom funcionamento e desempenho escolar, a partir da avaliação feita pela própria escola. A preocupação de Olívia com Mason Júnior nesse momento não nos parece propriamente com a situação de seu filho em si, mas com a sua diferença dos demais alunos.

Sendo, então, de competência da família o êxito dos filhos, a cobrança sobre sua diferenciação, que pode levá-lo a algum prejuízo escolar, passa a instalar-se numa lógica de interessamento, na qual a parceria família-escola funciona tanto para a manutenção do próprio lugar da escola quanto das qualidades da família. Dessa forma, a preocupação com Mason Júnior parece estar mais em função da escola e da família do que propriamente do acolhimento ou da responsabilidade para com Mason Júnior enquanto Outro. O discurso da mãe está em acordo com o da escola. Escola e família mantêm-se vizinhas e caminham para os mesmos objetivos.

Em cenas seguintes, em meio a outras relações que Olívia estabelece, vemos sua interação com seu namorado, Dan. Ele chega à sua casa para levá-la para sair, e ela recusa, pois precisa ficar com os filhos. Essa decisão de Olívia, em um momento posterior, a coloca em conflito entre a relação de namoro e a relação de mãe. Nesse momento, a escolha dela é a de estar como mãe. Contudo, na discussão, Olívia revela suas próprias necessidades para além de ser mãe, como ter um tempo para si, ir a um bar, ou mesmo jantar fora. Põe à vista sua vivência de ter sido filha e, logo cedo, mãe, parecendo demonstrar uma sensação de aprisionamento.

Aqui, diferentemente da outra cena, sob este contexto específico de conflito entre o namoro e a importância na vida dos filhos, a preocupação emergente não a encilha na ordem do Interesse, pois sua eleição pelos filhos assume a forma de sacrifício e substituição. Olívia substitui o lugar de fragilidade dos filhos, colocando a si mesma em um lugar de ataque e de risco. É sua posição como namorada e como mulher que é colocada em jogo. Ela, então, assume uma posição de responsabilidade e de sentido ético. Manter-se mãe, nesse caso, é manter-se sendo mãe não para si e sim para os filhos, não para ser boa mãe aos olhos dos outros, mas para ser boa para os filhos, respondendo às suas necessidades. O namoro entre Dan e Olívia não dura.

Na sequência do filme, temos a cena em que Samantha e Mason Júnior, ainda pequenos, são comunicados da mudança para Houston e de que viverão próximos à avó materna, Catherine. Os filhos retrucam, mas não têm seus argumentos levados em consideração. A razão principal da mudança é a necessidade de Olívia voltar a estudar, para que possam melhorar sua situação econômica, não favorável e insuficiente às suas necessidades. Nesta cena, vemos novamente como o capital escolar tem caráter central, influenciando escolhas e ações, tendo em vista o que sua conquista representa, principalmente no que toca ao desenvolvimento das possibilidades econômicas. O filme sugere, a partir da preocupação de Olívia, a relação entre estudar e ter um emprego melhor, ser uma boa estudante para ter um bom emprego.

Uma sociabilidade íntima do tipo *família extensa*

Em Houston, após a mudança, encontramos outro conjunto de relações importantes, dentre elas, o retorno de Mason às relações familiares e a presença da avó Catherine. Mason passou um ano e meio sem dar notícias, e sua volta ao convívio familiar reacende antigos conflitos no sistema parental a respeito da condução da relação com os filhos. A família, agora, devido à posição que Catherine assume, pode ser classificada como do tipo extensa, pois não está mais restrita à unidade dos pais com os filhos.

Catherine auxilia sua filha, Olívia, nas atividades de cuidado com a família, fazendo-se presente em vários momentos, como na atuação voluntária na escola de seus netos, na ajuda em algumas necessidades financeiras, no ato de buscar os netos na escola e tomar conta deles enquanto a mãe desempenha as atividades de trabalhadora e estudante. Na cena da casa da avó, podemos observar novamente a dificuldade de Mason Júnior em dar conta de suas atividades e trabalhos escolares, enquanto Samantha apresenta excelente desempenho, tirando nota máxima em suas avaliações escolares. Nesse momento, vemos o interesse da avó Catherine e sua proximidade a Samantha, o que denota novamente a força que o capital escolar demarca no cotidiano familiar. O bom desempenho estudantil promove atenção e proximidade.

O pai, ao reencontrar os filhos, presenteia-os, mas parece haver uma tensão entre ele e Catherine a respeito da decisão de encontrar Olívia. Ele leva os filhos para sair, quando comem e jogam boliche. Mason Júnior parece novamente não muito interessado nessas atividades, enquanto Samantha parece estar desfrutando. Ao longo de todo o filme veremos, diante das pequenas atividades recorrentes do dia a dia, a diferença de Mason Júnior, que sugere outro olhar sobre a vida.

Na cena da cafeteria, enquanto comem, o pai revela seu desejo de passar mais tempo com os filhos, e nesse diálogo revela que se ausentou porque precisava de férias, devido aos conflitos entre ele e a mãe de Mason Júnior e Samantha. Aqui novamente se torna possível uma análise acerca do interessamento. A escolha de Mason foi feita por si, para si, em relação a si diante do conflito vivido com Olívia. Diante das relações familiares, a referência nesse momento do pai foi autocentrada, não respondendo e se responsabilizando pelas situações que poderiam ocorrer com seus filhos, ou pela mãe de seus filhos, na condição de não ser mais sua mulher.

Suas férias da família, no Alasca, são representativas de uma escolha pelo Eu diante da fragilidade e da responsabilidade que lhe convocava o Outro em família. Olívia foi reduzida apenas à condição de sua mulher e, quando já não era, quando a referência a si se perde, as ações de Mason se desvanecem, não há

o cuidado ou a manutenção de algum tipo de relação para além daquela que lhe fazia referência direta. Ele parece se comportar como se Olívia apenas existisse enquanto sua esposa, e não como mulher, mãe e pessoa, por exemplo. Os filhos foram reduzidos a produtos de uma relação conjugal e, quando esta se desfez, a referência ao Ser da relação destitui-se, destituindo-se também o vínculo, ao menos no momento exato da escolha em que o conflito entre o Eu e o Outro hierarquiza a permanência do Eu em detrimento do Outro.

No seguimento da história vemos que Mason vai, ao final do passeio, deixar os filhos na casa de Olívia. Ao chegarem, Mason Júnior mostra-lhe sua coleção de vértebras de cobra e outras coisas incomuns, e logo Samantha aparece e *rouba* a atenção do pai, falando sobre a equipe de basquete da qual participa. O pai pergunta pelo seu desempenho e fica surpreso com a performance da filha. A performance aparece como causa de interesse e satisfação.

Olívia chega e, ao entrar em casa, relata que Mason estragou seus planos pelo fato de não atender seu pedido para que ele deixasse os filhos com a avó. No decorrer da cena os dois brigam, pois ele não alimentou os filhos direito, que comeram apenas batata frita e coisas do gênero, e não os auxiliou na execução das tarefas escolares. O conflito entre Olívia e Mason parece recolocar em xeque a forma de conduzir a família. Olívia parece estar mais adaptada ao seguimento dos circuitos de consagração social, como o bom desempenho escolar/acadêmico e as possibilidades que isso oferece de um bom emprego, enquanto Mason ainda deseja ser músico.

Uma sociabilidade íntima do tipo *família reconstituída*

No seguimento da história, outra sociabilidade íntima se costura. Nas aulas da faculdade, Olívia aproxima-se de Bill Welbrock, professor de psicologia. Como já apontado, essa aproximação finda em casamento e dá início a uma nova organização familiar. A família reconstituída tem como principal característica a união de um casal que já tem filhos de relações anteriores. Nesse caso, a composição familiar apresenta, a partir da referência à família Evans, o padrasto, Bill; a mãe, Olívia; os filhos, Mason Júnior e Samantha e os enteados, Mindy e Randy.

A preocupação com o desempenho escolar está novamente presente e pertence tanto a Bill como a Olívia; as sociabilidades íntimas parecem estar dedicadas a garantir a performance escolar. Aqui, pode-se retornar à mesma reflexão feita anteriormente a respeito do desempenho escolar de Mason Júnior. Não se trata da preocupação com o filho, mas com o que, em tese, deve ser competência da família.

No seguimento desta sociabilidade íntima é possível observar a posição bem mais rígida e impositiva de Bill em relação a todo o sistema de ações presentes na sociabilidade íntima atual, criticando Randy e Mason Júnior pelo seu gosto por videogames e tentando fazê-los gostar de esportes como golfe. Em outro momento, Bill reclama da execução incorreta das atividades atribuídas ao subsistema fraternal, que se compõe de Mindy, Randy, Mason Júnior e Samantha. Bill desprestigia as demais atividades que possam ser de afeição e simpatia dos filhos e enteados, como quando critica Samantha por não ter terminado seus afazeres domésticos enquanto teve tempo de fazer suas atividades de artes.

As atividades domésticas atribuídas ao subsistema parental parecem não ser passíveis de diálogo, além de serem impostas; elas devem ser prioritárias a outras atividades que possam ser tomadas como relevantes pelo subsistema filial. Bill, ao brigar por conta das atividades não completadas, pede auxílio a Olívia para reforçar a necessidade de que sejam respeitadas as atribuições impostas por ele, e ela concorda. O acordo entre os dois apresenta a ideia de manutenção do sistema recomposto. Aqui há um elemento importante: a necessidade de Olívia ser convocada perante os filhos para tornar evidente o acordo do subsistema parental. Dessa forma, parece ficar clara uma questão das famílias reconstituídas, ou pelo menos dessa em específico, que diz respeito à existência de um tensionamento entre a posição de autoridade da sociabilidade íntima de origem e da configuração da sociabilidade íntima atual.

As diferenças de conduta que poderiam advir originalmente das sociabilidades íntimas anteriores diante da sociabilidade íntima atualmente composta são reconfiguradas e engendradas dentro do modo de ser dessa nova sociabilidade íntima, acontecida pela união dos sistemas de sociabilidade íntima anteriores. Esse novo sistema estabiliza sua identidade própria pela conversão dos dois sistemas anteriores a um novo, que funcionará de forma também autorreferente. A estabilização da identidade Evans e da identidade Welbrock passa a ser a referência, no sentido de perpetuar o funcionamento do sistema Evans-Welbrock. Dizendo de outra forma, para permanecer Evans é preciso agora ser também um pouco Welbrock e para ser Welbrock é preciso ser um pouco Evans também.

Nossa aposta é que, embora os Evans e os Welbrock sejam uma família recomposta e formem uma unidade, o respeito e a obediência parecem necessitar do reforço convocado ao cônjuge vinculado à sociabilidade íntima de origem. Nesse caso, Olívia seria convocada para reafirmar as regras da casa e os acordos do subsistema parental perante seus filhos, e podemos inferir que o inverso também poderia acontecer. É como se, diante da distinção entre as duas sociabilidades íntimas de origem, as quais formaram essa terceira, o

cônjuge precisasse confirmar que seguir aquelas regras continua mantendo-os em sua identidade. Nesse sentido, continua-se na lógica da permanência pela obediência convocada. Estabelece-se o circuito do Mesmo pela reafirmação de que agir conforme os Welbrock ainda é agir conforme os Evans.

A tensão parece advir da diferença de identidades entre os Evans e os Welbrock, e obedecer aos Welbrock pode significar colocar em risco a autor-referência dos Evans, e vice-versa. Dessa forma, a convocação do cônjuge da sociabilidade íntima de origem pode ter a função de ratificar a permanência no Ser Evans.

Entre uma renovada sociabilidade íntima e outra, que ocorre ao longo da narrativa do filme, vemos os encontros entre o pai, Mason, e seus filhos, Mason Júnior e Samantha. A narrativa dá a entender que esses encontros são periódicos e variáveis, mas seguem mais ou menos um padrão semanal, acontecendo quase sempre aos finais de semana.

Em um desses encontros, há uma cena importante a respeito da relação do pai com os filhos, em que, ao conversarem dentro do carro rumo ao jogo de baseball, parece ficar claro certo distanciamento entre eles. A conversa é fria e as respostas à tentativa de diálogo do pai são breves e genéricas. Ao perceber isso, ele para o carro e intervém fortemente na dinâmica do diálogo. Sua intervenção tem por objetivo reivindicar outro lugar para si na relação com os filhos. Mason diz: “Vocês não vão me colocar naquele lugar . . . de pai biológico com quem saio de vez em quando, jogamos conversa fora, ele me leva em lugares e dá presentes”.

A fala de Mason, para nós, é representativa de algo que parece ser muito importante nas associações familiares contemporâneas: o afeto. A dimensão afetiva é, então, reivindicada como importante e necessária para o pai na relação com seus filhos, e essa dimensão afetiva se constrói pela intimidade por meio de uma relação de troca de informações e interesse pela vida de uns e de outros. A cena do filme mostra que não basta ao pai simplesmente obter informações sobre a vida dos filhos, mas que eles tenham interesse em contar sobre sua vida.

A intervenção de Mason Júnior, em seguida, apontando que o pai também não lhes conta sua vida, leva-nos a refletir sobre outro aspecto importante na dinâmica das relações familiares contemporâneas: a troca. A relação parece evoluir a partir do ganho da intimidade construída pela mútua revelação.

Na cena seguinte, o pai leva os filhos ao seu apartamento, o qual divide com um músico. Mason compõe uma canção, e nela se revela que a professora entrou em contato com ele para falar sobre os desenhos de Mason Júnior e como esses sempre retratavam toda a família em situação triste. Novamente observamos

como a escola tem papel central e estreito na relação familiar. A escola articula e envolve os membros familiares naquilo que toma como importante.

Na volta do final de semana, Bill decide que Randy e Mason Júnior devem cortar os cabelos. Ele não os consulta sobre o fato e simplesmente ordena e obriga os dois a cortarem os cabelos. Mason Júnior cultivava um cabelo grande que foi arbitrariamente raspado segundo o desejo de Bill. As palavras do padrasto no momento do corte de cabelo de Mason Júnior fazem-nos refletir acerca de quais representações ele não gostaria que sua sociabilidade íntima tivesse. Ele diz: “Vai ficar muito melhor. Você vai parecer um homem, não uma menininha”.

A relação mais clara aí é a da imposição do desejo de Bill sobre a vontade de Mason Júnior, e esta diz respeito ao vínculo que os une. Eles fazem agora uma unidade pela sociabilidade íntima que os compõe, e Bill quer que a identidade desta sociabilidade íntima se mantenha de uma determinada maneira. Ser homem, na família Evans-Welbrock, significa ter uma aparência específica, como o cabelo curto, e assim deve ser.

Na cena seguinte, Olívia vê a filha, Samantha, e os enteados, Randy e Mindy, saírem para a escola. Ao perguntar por Mason Júnior, Randy avisa que ele está se sentindo mal e não vai à escola. A preocupação sobre o ocorrido com Mason Júnior se dá pela possibilidade de isso prejudicar o andamento escolar, por causa da diminuição da frequência. Novamente, o elemento escola aparece como agenciador das ações e atitudes na família, inclusive as afetivas, como no despertar de uma preocupação.

Ao conversarem no carro a caminho da escola, Olívia e Mason Júnior discutem a respeito de Bill. Mason Júnior diz: “Por que você casou com ele? É um idiota”. E Olívia responde: “Bill tem suas qualidades. Ninguém é perfeito. Agora temos uma família”. É interessante pensarmos que, para Olívia, embora já tivesse, como demarcamos anteriormente, vivido em vários modelos familiares, sua representação de família parece ter uma configuração específica. Esta configuração é a que se apresenta após sua união com Bill.

Essa cena demarca que, apesar das múltiplas possibilidades de família, ainda corre no imaginário a existência de um tipo de família ideal, ou melhor. A recomposição da família de Olívia remonta à família adjetivada de nuclear, com a presença de um pai, uma mãe e filhos. Dentro desta composição, o pai tem o dever do provimento e da proteção da família, enquanto à mãe cabem os cuidados. Esse modelo familiar, presente no imaginário de Olívia como a *verdadeira* família, parece ter sido um caminho perseguido por ela e pelo qual se esforçou para conduzir os filhos.

No seguimento da história, vemos se iniciarem ações cada vez mais violentas por parte de Bill, desde gritos, ofensas verbais diretas, deboche até violência

física. Com a continuidade das situações de agressão, Olívia decide divorciar-se e mudar-se com Mason Júnior e Samantha, após uma cena tensa e agressiva na saída da casa em que viviam com Bill, Randy e Mindy.

Olívia é abrigada com seus filhos na casa de uma amiga. Ali se inicia um diálogo entre Olívia e Samantha, no qual a filha demonstra se preocupar com a situação de Randy e Mindy. Olívia diz a ela que não possui a guarda legal dos enteados, o que a impossibilita de tomar algumas ações, como a de levá-los consigo, pois isso poderia ser encarado como sequestro. Olívia age na medida possível da legalidade com uma responsabilidade de sentido ético para com os enteados.

Embora Olívia tenha decidido pelo rompimento do vínculo com a família Welbrock, pela dissolução de seus laços associativos com Bill, e já estivesse salvaguardada com seus filhos, agiu, ligando para a mãe de Randy e Mindy e para o conselho tutelar, procurando proteger das formas possíveis os ex-enteados em suas fragilidades diante de um pai abusivo. Olívia, que também foi alvo das condutas violentas de Bill, arrisca-se a uma represália por sua atitude de denunciar o ex-marido, mas o faz por aqueles que já não fazem mais unidade com ela, pelos Outros.

Um elemento importante a destacar nesse momento são justamente os aspectos legais em torno do campo familiar. As novas possibilidades de associação familiar fazem aparecer novas questões a respeito da dinâmica entre essas sociabilidades íntimas, das quais a legislação parece não dar conta e, em muitos casos, impossibilitando soluções a partir do próprio grupo familiar, sendo seus conflitos remetidos e mediados pela dimensão jurídica.

Então mais um final de semana chega e vemos um novo encontro entre o pai, Mason, e os filhos, Mason Júnior e Samantha. Novamente o pai reclama da falta de intimidade, dizendo saber mais da vida da filha pelo Facebook do que por suas conversas. A constante cobrança do pai a esse respeito mostra que a intimidade e seu desenvolvimento é um processo contínuo e de conquista, que deve ser sempre trabalhado. Nessa cena, Mason conversa com Samantha a respeito de concepção e contracepção; sua conversa está baseada em um artigo científico a respeito do assunto.

Esse também é um importante elemento para nós: a influência do conhecimento científico nas relações mais íntimas e cotidianas, sendo elas atravessadas por essa dimensão técnica em que os pais agem conforme o que aprenderam por meio de suas leituras e passam a ser poderosos aplicadores e difusores dessas práticas, pelo seu acesso direto às situações do cotidiano, com as pessoas com quem se relacionam intimamente. Parece haver uma confiança tácita nas informações lidas em artigos, e que essas devem ser usadas para melhorar e aperfeiçoar o convívio.

Passado algum tempo sozinha, Olívia torna-se professora de psicologia e casa-se novamente, desta vez com Jim, um antigo aluno que conheceu em seu exercício como docente. Mason também se casa, com Annie, e, em seguida, um bebê nasce dessa relação. No aniversário de Mason Júnior, o pai vai buscá-lo para passarem um tempo juntos e, em um dos passeios feitos nessa viagem, transcorre um breve diálogo entre Samantha e Mason Júnior em que ela lhe pergunta: “Por que você é tão acomodado?”, ao que ele responde: “Eu não sei do que você está falando”.

Esse curto diálogo entre os irmãos parece novamente trazer à tona a ideia de que Mason Júnior é uma espécie de *estranho no ninho*; ele parece não ver e viver as coisas como os demais e não enxerga problema nisso. A acomodação dele, nomeada por Samantha, parece incomodar todos aqueles que, quase totalmente, se inscreveram numa lógica de performance da contemporaneidade. O que faz oposição àquele que se acomoda, àquele que toma cômodos, é quem não os toma, o que se muda constantemente e muda-se sempre buscando uma melhor morada, um melhor cômodo.

Não por acaso, em nosso entendimento o filme narra também a paixão de Mason Júnior pela fotografia. Existe uma escritura diferente em sua forma de ver, uma forma de ver que se mostra como um dizer, como algo de difícil captura, revelado no não entendimento de Samantha sobre a forma como Mason Júnior conduz sua vida, por exemplo.

Novamente, agora através da figura de um professor, Mason Júnior é questionado sobre seus deveres e atividades como aluno. Ele responde que ainda não terminou suas atividades. O professor alerta que talento não é suficiente para se sobressair profissionalmente e que é preciso disciplina e comprometimento, dizendo: “Você não vai conseguir, Mason. O mundo é muito competitivo . . . Há muitas pessoas talentosas e dispostas a trabalhar duro e um bando de idiotas que não tem talento, que estão loucos para te superar. De fato, muitos estão agora naquela sala”.

Nessa cena, novamente a centralidade do capital escolar é colocada, bem como a presença dos sistemas-abertos. A escola não está tão longe do trabalho – o que se faz na escola e o desempenho obtido na lógica do melhor desempenho já está conectado à dimensão do trabalho. A lógica da concorrência e da performance está também presente nessa fala, e ela tem por objetivo atingir Mason Júnior. Essa é uma fala dirigida a ele, pois ele parece distante dessa lógica, desse mundo e dessa forma de vê-lo.

Na perspectiva de Mason Júnior, ele trabalha duro, e isso se revela quando diz: “Eu sinto que trabalho duro. Passei o final de semana todo tirando fotos”. Sua dinâmica é diferente do funcionamento hegemônico da sociedade

contemporânea. A sociedade contemporânea parece ser uma comunhão feita de uma vizinhança de nativos autóctones, e Mason Júnior parece ser o estrangeiro nessa vizinhança.

Em cenas seguintes, o padrasto Jim elogia debochadamente as unhas pintadas de Mason Júnior e continua apontando outros comportamentos que acha estranhos no enteado, como no verão anterior, quando ele apareceu de brincos, e continua: “você tem uma bolsa para combinar com isso tudo?”. O padrasto segue dizendo que ser legal em sua época era: “estar no ensino médio, trabalhar e ser responsável, capaz de manter um carro”. Vemos aqui a autorreferência de Jim e seu incômodo com a diferença de Mason Júnior. Seu deboche busca afetar o jovem, para que ele se sinta mal a partir do que incomoda a Jim. Em seguida, vemos o próprio Jim apresentando o modelo como quem dá o caminho a ser seguido.

Não há na intervenção de Jim nenhum tipo de preocupação dirigida a Mason Júnior, senão aquela que traz incômodo ao próprio Jim pela forma como o enteado conduz sua vida. Essa discussão com o padrasto parece fazer com que, na cena da festa, Mason Júnior fale sobre seu incômodo em relação não só às atitudes de Jim, mas das pessoas ao seu redor no geral. Ele faz uma leitura bastante preciosa: “Fico com raiva das pessoas ao meu redor por me controlarem, ou coisa do tipo, mas eles nem percebem que fazem”.

Nessa assertiva, podemos ver o caráter espontâneo do controle na sua forma ontológica, na sua permanência em ser, a autorreferência naturalizada que se expande, tentando capturar as diferenças, que faz convergir as diversas rotas em uma única, ou o múltiplo em unidade. Mason Júnior percebe isso intuitivamente em sua vivência, o quanto as pessoas de seu convívio praticam condutas de controle, inclusive sem saber que o fazem, mas as dispensam sobre ele e, em alguma medida, sendo efetivas. Na mesma festa, ele diz que existem muitas coisas que poderia e queria fazer, mas não faz, pois tem medo do que vão pensar.

A dimensão afetiva, nesse caso representada pelo medo, pode em alguns momentos ser tomada como uma das nuances do controle, a partir de quando as relações sociais estabelecidas provocam medo, e esse medo, afeto surgido das relações pessoais, funciona aprisionando e inibindo possibilidades.

Após a festa, Mason Júnior retorna à casa e encontra Jim, que o espera; eles discutem. Jim refere-se à Samantha e diz que ela obedece às regras. Em meio às desculpas de Mason Júnior, o padrasto reclama da forma como ele fala, quase inaudível, e o enteado retruca dizendo que ele pare de incomodá-lo. Em seguida, vemos Jim dizer: “Eu encho o saco? É minha casa. Se quer morar aqui, volta na hora que deveria”.

Essa discussão revela o inconformismo por Mason Júnior não fazer as coisas como Samantha faz, que é o modo como a família faz, o modo que os *chefes* da família decidem, uma forma de identidade familiar que se pretende coincidente entre todos. Jim dá os termos da convivência e da identidade familiar: ou Mason Júnior faz como a família faz e com isso permanece como eles e com eles, ou naquela casa, naquela morada não há lugar para ele. Jim não parece disposto a rediscutir as referências, apenas dando as opções de moldar-se ou partir. Das duas formas, as referências continuaram intactas, a diferença permanecendo na vizinhança do Mesmo.

Em decorrência dessa discussão, ou não – isto não fica claro no filme –, Olívia separa-se novamente. É o último ano de Mason Júnior na escola e Olívia pergunta sobre os deveres escolares de seu filho, que responde estar quase acabando. Olívia diz: “Esse ano é importante para a faculdade, não estrague”. Novamente, os traços da necessidade de formação e desenvolvimento do capital escolar são marcados no filme, e aqui já temos a ideia de que sua marca, pelas vezes em que aparece, tanto representa a importância dessa dimensão na vida contemporânea como a tentativa de fazer Mason Júnior convergir e implicar-se nessa lógica.

Chegando ao fim da narrativa, mais três ligações nos parecem especialmente importantes e apresentam um elo forte, de modo que as analisaremos em conjunto: a primeira, entre Mason Júnior e Sheena; a segunda, entre Mason e Mason Júnior; e a terceira, entre Olívia e Mason Júnior.

A primeira ocorre na viagem de carro com Sheena, namorada de Mason Júnior à época. Eles estão indo visitar o campus de uma faculdade, que parece ser interessante aos seus propósitos. Mason Júnior lhe fala de suas impressões sobre o mundo. Eles têm uma conversa amena, divertida e leve, entretanto, ele traz em sua fala elementos bastante significativos. Ele fala, entre brincadeiras e reais sensações, que é como se o mundo tivesse entendido que seria muito custoso produzir robôs e, a partir daí, decidiu transformar os humanos em máquinas, pois seria muito mais fácil. Há uma grande quantidade de humanos, não há custos na construção e os humanos são bons em reproduzir-se e em automanutenção.

No ciclo seguinte de diálogos com Sheena, ele completa o assunto, dizendo: “Estamos biologicamente programados para virarmos ciborgues Sério, li sobre isso outro dia. Quando ouvimos o aviso da caixa de entrada, recebemos um fluxo de dopamina no cérebro. É como receber uma recompensa para aceitar a lavagem cerebral. O quanto isso é perverso? Estamos ferrados”.

Na segunda ligação, vemos o pai e Mason Júnior conversando sobre o término do namoro com Sheena. Na parte final do diálogo, temos uma pergunta

do filho para o pai: “Então, do que adianta?”. O pai responde: “O quê?”. Mason Júnior: “Não sei, tudo”. Mason: “Tudo? Do que adianta? Não faço ideia. Ninguém sabe. Estamos só vivendo, sabe? Pelo menos está sentindo algo. Aproveite, isso passa. Você envelhece e não sente tanto, você cria resistência”.

Na terceira ligação, na cena em que Mason Júnior arruma seus pertences para mudar-se para a faculdade, vemos o sofrimento da mãe pela partida do filho, pois, dos grandes momentos de passagem que o ciclo da vida contemporânea parece ter, este, segundo ela, é o último antes do seu funeral. Olívia diz: “Percebi que minha vida vai acabar, simples assim. A sequência de marcos da vida, casar, ter filhos, divorciar. . . . Aquela vez que achamos que você era disléxico, ou quando te ensinei a andar de bicicleta. Outro divórcio, conseguir meu mestrado, finalmente conseguir o emprego sonhado. Ver Samantha ir para a faculdade, ver você ir para a faculdade. Você vê o que acontece depois? A merda do meu funeral, vá e deixe a minha foto”. Mason Júnior tenta consolá-la, e ela responde: “Só achei que haveria mais”.

O elo que parece estender-se e conectar-se pelas três ligações. Parece ser o signo de uma cultura que, ao longo do ciclo de nossa vida, vai nos subtraindo, subtraindo nossa alteridade, seja pela impressão de Mason Júnior de nos transformarmos em robôs felizes em obedecer; seja pela do pai, Mason, de que ao longo da vida vamos perdendo nossa capacidade de sentir, de sermos afetados, numa contínua redução de nós mesmos; ou pela de Olívia, presa às obrigações e à obediência do rito, da cartilha daquilo que *deveria* ser a vida até que o final chegue, parecendo que deveria haver mais, como se algo tivesse faltado ao longo desse caminho, algo que lhe tenha sido subtraído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como eixo a reflexão a respeito da ética nas famílias contemporâneas. A instabilidade do tema, em todas as suas grandes categorias, exigiu sempre um posicionamento explícito de nossas compreensões a respeito das temáticas centrais: ética, família e contemporaneidade. No que diz respeito à ética, nosso alicerce fundamental esteve sustentado pela perspectiva de pensamento da ética da alteridade radical proposta por Emmanuel Lévinas. Este trabalho perseguiu, então, um pensar o Outro de forma radical perante as vicissitudes das famílias no contexto contemporâneo, que se constitui principalmente das transformações nas experiências do tempo e do espaço.

Para Emmanuel Lévinas, tanto a razão é insuficiente para dar conta do tema da liberdade, como a liberdade que mais importa é a do Outro. A razão é incapaz de dar conta do tema da liberdade, e principalmente da liberdade do Outro, pois

opera encerrando e reduzindo as possibilidades de ser de acordo com os crivos de inteligibilidade criados pela própria razão. Nesse sentido, pensar o lugar da alteridade nas famílias contemporâneas é refletir sobre o tema da liberdade e se inserir numa discussão do campo da ética.

Ao fazermos uma tentativa de compreender o presente assinalando a relação do que hegemonicamente tem sido compreendido na relação entre família e contemporaneidade, encontramos que, para Ser, atualmente é preciso não se manter em uma identidade fixa, mas estabilizar continuamente essa identidade pela melhorar e aumentar as próprias capacidades. Nesse sentido, a partir do pensamento levinasiano é que se pode refletir sobre uma ética na contemporaneidade, em nosso caso, com relação às famílias contemporâneas. Ao tomarmos as leituras de Emmanuel Lévinas, entendemos ser necessário, antes de qualquer discussão ética, refletir sobre a forma pela qual os processos ontológicos se manifestam em uma determinada época, para em seguida ser possível pensar sobre as formas de uma crítica ao movimento ontológico que se torna espontâneo.

Embora em certo sentido possa parecer estranha a separação entre ontologia e ética, é justamente nesse ponto que se encontra a radicalidade do pensamento ético de Emmanuel Lévinas. A ética seria o espaço de impugnação da espontaneidade com que se colocam práticas hegemônicas de relacionamento que constroem *formas de ser* ou modos de presença específicos que traduzem, transformam e capturam todos os aspectos da diferença, ou da distância, e que demarcam propriamente a condição da alteridade. Para Lévinas, isso é que propriamente caracteriza em certo sentido o movimento ontológico, esse movimento tendente à totalização. Não obstante, é necessário destacar que a própria ideia de Ser, ou o que significa Ser, apresenta sempre um caráter contingente ao mundo histórico em que essas ideias se apresentam. A ética é, então, esse movimento de crítica à ontologia da maneira como ela se apresenta, constituindo um espaço para a alteridade enquanto alteridade.

A seguir partimos para uma análise do filme *Boyhood*, utilizado como material empírico para verificar os momentos de socialização e socialidade. Em nosso entendimento, a socialização é o processo social pelo qual se reproduz o esquema e a racionalidade social vigente, ou seja, as nuances da ontologia contemporânea. Os momentos de socialidade são aqueles nos quais o sentido ético se impõe, apresentando uma alternativa à hegemonia social que reduz as possibilidades de existência àquelas condizentes com a ontologia do presente.

Diante disso, em uma sociedade de performance as atitudes éticas são aquelas nas quais o outro, manifestando-se em sua diferença, tenha essa distinção

acolhida e preservada, ainda que isso represente um caminho contrário ao do desempenho e que seja feito pela responsabilidade de um sujeito que, diante da alteridade, depõe-se de si mesmo, arrisca a própria identidade. Na contemporaneidade, põe em risco o próprio desempenho no respeito à outriedade do Outro.

Neste sentido, a narrativa fílmica nos ajuda a perceber vários elementos, dentre eles: a permeabilidade dos limites na contemporaneidade; a presença do discurso do capital escolar e a forma como ele é rearticulado e reproduzido pela família; as múltiplas e variadas formas de associação familiar na contemporaneidade; a ideia de que parece haver um modelo familiar mais adequado que os demais e, portanto, perseguido; os processos de adequação à cultura contemporânea que sofrem os membros familiares; a forma como o reproduzem etc.

Entretanto, a narrativa fílmica, ao nos deixar ver os momentos de impugnação da totalidade no grupo familiar, traz como perspectiva a família também se apresentando como espaço de resistência e de crítica aos esquemas sociais mais amplos. Ao responsabilizar-se por seus membros, por seus Outros em família, o grupo familiar se coloca em confronto com esses esquemas sociais mais amplos, não para simplesmente negar suas razoabilidades, e sim para acolher seus membros em suas outras possibilidades distintas das apreciadas pela cultura. Ao acolher seus membros na sua diferença, a família posiciona-se em um movimento de distanciamento dos elementos e esquemas mais amplos da cultura que impõem os processos de captura da diferença e promovem a sua transformação.

Este trabalho poderia enriquecer-se a partir de outras perspectivas, tomando-as como racionalidades que também engendram o Outro na regularidade do Mesmo. Acreditamos que novas investigações poderiam ser feitas através de uma análise profunda, a partir de uma história das mentalidades, a qual poderia contribuir no que diz respeito às representações sociais ideais de um grupo familiar, posto que parece ainda haver, mesmo diante da multiplicidade e variedade de formações familiares, aquela que se entende como a melhor família. Os resquícios de um modelo nuclear sobre o imaginário das famílias contemporâneas pode ser importante caminho de investigação.

Outro caminho interessante a ser averiguado serviria a um estudo mais rigoroso das influências e impactos da economia política sobre o grupo familiar, no que diz respeito inclusive a uma discussão sobre classes. Tal discussão neste trabalho foi subsumida ao entendimento de que as variantes econômico-sociais estão inclusas também numa sociedade que distribui riscos. Entretanto, uma análise focada precisamente nesses aspectos pode ser reveladora de importantes fenômenos ainda não contemplados aqui. ■

REFERÊNCIAS

- Beltrão, P. C. (1970). *Sociologia da família contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Berger, P. L. & Luckman, T. (1998). *A construção social da realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Fridman, L. C. (2000). *Vertigens pós-modernas: Configurações institucionais contemporâneas*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: Livros Técnicos e Científicos.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo, SP: Unesp.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, SP: Unesp.
- Giddens, A. (2012). A vida em uma sociedade pós-tradicional. In A. Giddens, & S. Lash & U. Beck (Eds.), *Modernização reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna* (pp. 89-166). São Paulo, SP: Editora Unesp, 2012.
- Lévinas, E. (1980). *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70.
- Lévinas, E. (1982). *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70.
- Lévinas, E. (1991). *Transcendência e inteligibilidade*. Lisboa: Edições 70.
- Lévinas, E. (2009). *Entre nós: Ensaio sobre alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lévinas, E. (2011). *De outro modo que ser ou para lá da essência*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Linklater, R. (Produtor & Diretor). (2014). *Boyhood: Da infância à juventude* [filme]. Nova York, NY: Universal Pictures.

Artigo recebido em 14 de janeiro de 2019 e aprovado em 11 de novembro de 2018.